

Anistiado político: JOSÉ ELIAS FERNANDES

Data de nascimento: 04/12/1941

Sou José Elias Fernandes, nascido em quatro de dezembro de 1941, jornalista profissional e bacharel em Direito. Casado pela segunda vez com a Mara Nei Negreiro Rego Elias, advogada, pessoa muito bem humorada, minha alegria de viver e inspiração de um amor que muito me fortalece. Tenho três filhos: Valéria, José Elias Junior e Fábio Elias Araújo. Valéria é professora, e os outros dois são engenheiros.

Particpei de uma geração que acredito será valorizada na história, especialmente nos anos 50, 60, 70 e 80. Acredito que as futuras gerações aprenderão, porque marcou uma verdadeira transformação, não só na política, mas na cultura, nas artes, nos vários setores de atividades da vida brasileira. Foi na nossa geração que se formaram os grandes líderes políticos da transformação, da criação da Nova República, da transformação da vida política do Brasil, formados justamente naquele movimento estudantil do qual participávamos e que era uma verdadeira escola de formação de líderes através dos grêmios, das entidades escolares - em Goiás a União Goiana dos Estudantes Secundários - que acontecia no Brasil inteiro.

Foi essa geração a responsável pela mudança da música popular, criando a Bossa Nova; transformou o cinema, criando um cinema novo; criando a Tropicália; trazendo a música sertaneja, que era restrita apenas ao campo, para os grandes palcos. Uma geração tão rica da qual surgiu o maior atleta do mundo, o Pelé. Grandes músicos, grandes cantores, grandes compositores, além de grandes políticos capazes e responsáveis pelas maiores transformações que o Brasil assistiu no final do milênio, no final do século passado.

HISTÓRICO DE LUTAS NO CENTRO OESTE

Essa luta na qual nos empenhávamos não começou conosco. É bom salientar que o nível, o estágio de desenvolvimento que o Brasil alcança hoje, o Centro Oeste, especialmente o estado de Goiás, não acontece como produto do trabalho apenas dos governantes atuais. Vem de uma luta que se iniciou há décadas, há séculos atrás com o José Bonifácio de Andrada e Silva, o patriarca da independência, pregando a necessidade de interiorização do desenvolvimento do Brasil.

O Brasil sempre foi um país que usufruiu do conforto do litoral, sonhando com a cultura e civilização européia, sendo extorquido pelas empresas multinacionais inglesas e americanas. Porém, dando as costas para toda a vastidão e imensidão do interior, que era a maior parte do país e vivia no total abandono, desprezo, descaso, carência, miserabilidade, no isolamento porque não existiam nem rodovias para contato, o contato era feito apenas por algum veículo de comunicação, algum jornal ou revista que chegava por aqui naquela época. Essa política pela valorização do Centro Oeste, pela interiorização do desenvolvimento foi, inclusive, fortalecida pela primeira Constituição da República em 1892. A Constituição Republicana reservou uma área de 14.400 km para a implantação da nova capital, justamente onde está Brasília, o chamado quadrilátero de Brasília.

O segundo presidente da República, Floriano Peixoto, nomeou uma comissão tendo à frente o cientista Luiz Cruz e cerca de vinte outros cientistas para demarcar o local da nova capital. Logo em seguida tivemos alguns movimentos importantes como o General Couto Magalhães, herói da guerra do Paraguai, tentando interiorizar o progresso através da implantação da navegação fluvial. Tivemos o Mauá, primeiro grande empresário brasileiro tentando trazer a ferrovia, conduzir o progresso, a industrialização e também a navegação para o interior do país. Nós contamos com o empenho e o esforço do General Cândido de Rondon, que se embrenhou pelo Mato Grosso até a divisa da Bolívia levando as linhas, as redes do telégrafo para abrir comunicação com esse interior do Brasil.

Aqui em Goiás tivemos também o esforço de Pedro Ludovico para tirar a capital da cidade de Goiás, antiga Vila Boa, que, embora uma belíssima cidade, era considerada um buraco de garimpo, resgatando-a para o Planalto Central dentro dessa política de interiorização e fortalecimento do interior do Brasil. Há de se considerar um fato político interessante que foi a marcha do Prestes, a chamada “Coluna Prestes”, que foi a maior marcha cavalgada do mundo, em que, durante mais de dois anos, nos anos 1925, 1926, 1927, Prestes com a elite de oficiais da época, companheiros seus do Exército brasileiro e demais lideranças que o acompanharam, percorreram mais de 20.000 km do território brasileiro. Saíram da região Sul, percorrendo o Centro Oeste, indo para o Norte, passando pelo Nordeste até descerem novamente para o sul, chegando ao Uruguai e a Bolívia. Embora fosse uma comitiva de oficiais de alto nível, acompanhada por centenas de outras pessoas, eles não conseguiram a transformação política desejada, mas tiveram contato com o interior do país, fato que nunca pessoas daquele nível tinham tido a oportunidade de promover, conhecendo a situação de carência do povo brasileiro. O interessante foi que ao perseguir a Coluna Prestes, embora nunca tenha havido o desmantelamento da Coluna, o Exército também percorreu todo o caminho, às vezes com combates, mas acompanhando e vigiando à distância. O exército integrado por oficiais que pela importância histórica do evento acabaram sendo promovidos a pessoas decisivas do Exército e da política brasileira. Isso permitiu uma visão muito importante do interior do Brasil e contribuiu para transformações. Por exemplo, João Alberto, que era um dos homens do Prestes, veio a se tornar ministro de Getúlio Vargas. Temendo a ocupação desses vazios do Brasil pelas forças que combatiam após a guerra, o Japão e outras nações carentes de território, Getúlio, inspirado pelo ministro João Alberto, criou a chamada “Marcha para o Oeste” que foi, através da Fundação Brasil Central, um movimento muito importante de ocupação desses espaços vazios.

Com sede em Aragarças, cidade da qual fui prefeito de 2001 a 2005, a Fundação Brasil Central implantou uma missão chamada “Roncador Xingu”, por meio da qual praticamente se deu as primeiras ocupações do estado do Mato Grosso, até então do lado esquerdo do Araguaia, que era ocupado apenas por feras e índios; um ou outro morador muito escassamente. A Fundação Brasil Central permitiu a construção de picadas, que depois se transformaram em rodovias. Nos pontos de apoio desta expedição, acabaram surgindo grandes cidades do Mato Grosso de hoje. Isso agora há 50, 60 anos atrás. Portanto, esse movimento que nos empolgava aqui em Goiânia nessa época era produto de uma luta de muito tempo; de outras forças políticas que buscavam a renovação; de outros idealistas, lutadores do Brasil. Logo em seguida, a coroação desse movimento foi a construção de Brasília por Juscelino Kubitschek, inaugurada em 1960.

Com o progresso, com a vinda de Brasília, vieram as rodovias, veio o desenvolvimento de um modo geral, veio o crescimento da população com novos costumes, novas culturas, novos

hábitos. Veio a mídia. Era a época do surgimento da televisão, em que o povo começava a se integrar e a ver os costumes de outras regiões, de outros lugares. Isso fermentou a política, especialmente da juventude que acompanhava de perto, que se dedicava, que estudava para ter uma atuação mais eficiente, de tal ordem que, através dos grêmios estudantis, das nossas entidades, tínhamos uma atuação permanente nesse sentido.

Aqui quero prestar uma homenagem a essa geração porque não tivemos tempo para as drogas, não tivemos tempo para frequentar estádios e promover a violência. Agora vemos o esporte transformado em jogo, o jogo virando violência. Nós fomos uma geração que buscávamos nos inspirar em Monteiro Lobato na luta do petróleo, nas obras de Ozi Duarte Pereira, em Leôncio Basbaum, em Josué de Castro com a Geopolítica da Fome, Anízio Teixeira, Paulo Freire da educação e em tantos outros. Nós valorizávamos, inclusive nessa luta, a poesia. Quando víamos os movimentos da igreja apoiando a ditadura, nós nos empolgávamos e recitávamos Castro Alves: “Quebre-se o cetro do Papa, faça-se dele uma cruz! Que a púrpura sirva ao povo pra cobrir os ombros nus”. Era um tempo de luta, de empolgação, de entusiasmo dessa juventude.

A vinda de Brasília ensejou também o fortalecimento da luta de classes, os sindicatos, associações, as associações de trabalhadores rurais, o surgimento do sindicalismo rural.

Depois de Juscelino, assumiu a presidência Jânio Quadros que durou pouco tempo, foi deposto pela pressão da extrema direita. Há de se lembrar que Juscelino enfrentou reações na própria posse, mas conseguiu conciliar até o término de Brasília e do mandato. Não elegeu sucessor. Foi eleito Jânio Quadros, que governou em constante crise. Tentando administrar com a direita e a esquerda acabou pressionado a renunciar por força da direita. O seu sucessor, o vice João Goulart, vinha de origem trabalhista e foi impedido de tomar posse porque, coincidentemente quando Jânio Quadros renunciou, ele estava na China visitando Mao Tse Tung, uma das maiores lideranças da esquerda no mundo. Houve um levante nacional: o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola; o governador de Pernambuco, Miguel Arraes e o governador de Goiás, Mauro Borges, levantaram um movimento nacional pela posse de João Goulart na presidência da República. A direita, embora com os militares respaldando-a, não teve a possibilidade de não aceitar a posse de “Jango” que, ainda assim, durou pouco tempo no governo.

Logo em seguida houve a chamada “Revolução de 31 de março de 1964”, de triste memória, que depôs o João Goulart, fechou o Congresso e começou a acabar com toda a estrutura política que vínhamos alegremente montando, que era a dos sindicatos, das associações, das entidades; esse fortalecimento, esse rejuvenescimento da política brasileira, que era o sepultamento das antigas políticas e a renovação com essas forças das quais participávamos. Esse movimento de 31 de março foi que muito sacrificou toda a nossa geração. Somos produtos de uma luta contra a ditadura militar implantada nessa época.

MILITÂNCIA

Recém-chegado a Goiânia, vindo de Guapó, do interior do município onde trabalhava na roça, no cabo da enxada com minha família como minifundiária, logo me empolguei com o movimento estudantil. Inicialmente na Escola Técnica, mas sem qualquer destreza para

participar. Dois anos depois fui para o Lyceu de Goiânia e comecei a atuar no grêmio como representante de classe. Comecei a fazer curso de oratória, participar de teatro e de outras atividades que eram pertinentes à juventude daquela época.

Qual era o tema da nossa luta, das nossas reivindicações políticas? Era a melhoria da saúde; na zona rural, por exemplo, não havia o mínimo de assistência médica. Eu me lembro de ver vizinho adoecer, e o que o curador, o benzedor ou o farmacêutico não curava, o cidadão ficava em casa, recebendo a visita de parentes e amigos até a hora da morte. Só havia em Goiânia, na capital do estado, a Santa Casa para atender todo o estado. Então, raras pessoas tinham acesso à assistência médica ali. Reivindicação na melhoria do ensino. Na década de 50, Goiânia tinha apenas três colégios públicos: a Escola Técnica Federal, o Lyceu de Goiânia, estadual, e um modesto ginásio municipal. No mais, quem tinha condições pagava escola particular, normalmente religiosa: o Ateneu Dom Bosco, o Agostiniano e, em Campinas, o Colégio Santa Clara. Nós brigávamos pela melhoria e massificação do ensino; além de melhoria na qualidade, a difusão para o atendimento de maior público.

Para entrar no Lyceu, por exemplo, participei de um exame de seleção chamado de admissão. Antes tive que aprender Latim, Francês, além das matérias tradicionais, umas dez outras matérias curriculares. Tinha que aprender a fazer traduções, versões do Latim, noções de Francês. Eram limitadas as possibilidades de acesso.

Embora trabalhando em funções modestas como balconista de bar, lavando chão de restaurante, eu atuava no grêmio, que era nossa grande escola no setor político, a grande escola da nossa geração. Foi muito importante, também, a União Goiana dos Estudantes Secundários. Ela congregava todos os grêmios estudantis da capital e do interior do estado. Como tínhamos poucas faculdades, as entidades, os diretórios dos estudantes acadêmicos de Direito e de outras poucas faculdades se aliavam à União Goiana dos Estudantes para as lutas políticas. Era uma força muito grande, formadora de opinião pública junto à juventude. Lembro que na época até se elegeram alguns vereadores e deputados com a força do movimento estudantil.

Eu já estava no grêmio e na UGES, comecei a trabalhar em jornal com um grande esforço para aprender jornalismo, praticamente sozinho, trabalhei no Diário do Oeste, depois fui para o jornal “O Popular” justamente para escrever uma coluna que se chamava “Sindicatos e Associações”. Dando cobertura àqueles movimentos, eu me sentia valorizado e orgulhoso de poder dar cobertura ao movimento dos trabalhadores rurais poucos anos depois de ter saído da roça. Agora em uma redação de jornal, às vezes mandando notícias para a televisão sobre o movimento dos trabalhadores, da minha categoria, da minha família, do meu pessoal que estava lá. Nessa época comecei a ter contato com organizações de esquerda, Partido Comunista e outras que havia naqueles cursos de formação política, que eram normais. Infelizmente a ditadura interrompeu tudo isso. Tentávamos, insistíamos na luta, mas não foi possível.

Infelizmente perdi o emprego, fui afastado do jornal e fiquei desempregado por um tempo. Meu pai faleceu em 1964, fiquei cuidando da minha mãe e dos meus irmãos menores já as vésperas de me casar, foi um período muito difícil, mas continuamos nesse esforço.

Era um tempo de tanto medo, de tanto pânico que me lembro de um episódio: Eu era diretor da Associação Goiana de Imprensa; Batista Custódio, do Jornal “Cinco de Março”, com quem eu trabalhava, era o presidente; hoje ele é o atual dono do jornal “Diário da Manhã”. Dom

Helder Câmara tinha sido arcebispo no Rio de Janeiro e lá promoveu uma grande campanha, ficou popular em todo o país, mas a igreja marchava com a ditadura pelo bem do país, formando filas de pessoas para dar o ouro para o bem do Brasil. As pessoas compareciam em solenidades públicas na Praça Cívica, na Praça dos Bandeirantes levando a correntinha e até a própria aliança e doando. Era a igreja ajudando a financiar a ditadura. Aqui em Goiás, Dom Fernando, que depois veio a romper com a ditadura, nessa época foi um bispo que participava desse movimento. Dom Helder Câmara, desde o Rio de Janeiro, já havia começado a romper com a ditadura. A igreja o mandou para Recife e Olinda, no Nordeste. Ele passou a ser um paladino da liberdade nessa época, e eu, como diretor da AGI, o convidei para que viesse a Goiânia ministrar uma palestra. O auditório da AGI era pequeno, e, para nossa surpresa, quando ele chegou só estávamos nós da diretoria para recebê-lo e ouvi-lo. Ninguém havia comparecido tamanho era o medo que as pessoas tinham de se aproximar de um arcebispo que era perseguido pelos militares. Havia episódios dessa ordem nessa época.

Logo em seguida entrei para a Faculdade de Direito, passei a trabalhar no jornal “O Popular”, já então casado, com responsabilidade familiar, logo tive a primeira filha: Valéria. Cuidava da minha mãe e irmãos menores e ainda com a responsabilidade na empresa. Eu não só tinha a coluna no O Popular como assessorava o senhor Jaime Câmara, que era titular da empresa e ainda dirigia um departamento da televisão, mesmo assim continuei na política estudantil.

Em pleno AI-5, em 1972, fui candidato a presidente do Centro Acadêmico Onze de Maio da Faculdade de Direito da Universidade Federal, que era a entidade mais prestigiada pelos estudantes universitários e pelos estudantes do Centro-Oeste. Antes da eleição, quando me candidatei, muitos me procuravam e diziam: “Zé Elias, você é um sujeito casado, jornalista com certo prestígio, ser candidato a uma entidade dessas, num tempo desses de tamanha perseguição e violência, você está ficando é louco!” Eu dizia que se existia a entidade era necessário alguém para dirigi-la.

Eu me lembro que o ex-deputado Olinto Meireles havia sido presidente do centro acadêmico e a ditadura, para denegri-lo, publicou e espalhou um grande painel com a fotografia dele em um congresso internacional de estudantes em Pequim, em que ele aparecia jantando ao lado de Mao Tse Tung, que era uma das expressões mundiais da esquerda. Para mim, aquilo ao invés de denegri-lo fazia era homenageá-lo e promovê-lo. Ele havia sido presidente do centro acadêmico bem antes de mim.

Na eleição do centro acadêmico, um colega, hoje notável advogado Felicíssimo José de Sena, que era o presidente da Arena Jovem (Arena era o partido de sustentação da ditadura, enquanto o MDB era o partido da oposição, eram apenas dois partidos) se candidatou pela oposição. Às vésperas da eleição, vendo que iria ser derrotado, renunciou a candidatura e conclamou aos colegas dele que votassem em branco. Tive a alegria de contar com quase unanimidade dos votos dos alunos da faculdade, inclusive com os votos das pessoas que faziam cursos de especialização e não tinham obrigação de votar, mas que também compareceram.

Foi uma luta muito bonita dentro da faculdade, mas que infelizmente me custou muito caro. Eu, no diretório, promovia vários cursos para estimular, para dar oportunidade de encontros e debates políticos. O curso mais concorrido era o de oratória para treinar o pessoal a fazer discursos. Tanto colegas da faculdade de Direito, quanto colegas de outras faculdades vinham participar do curso ou assistir às aulas práticas, porque cada aula prática ensinava aos alunos a

fazerem seus discursos. Os temas dos discursos eram sempre denúncias de violência, mortes provocadas pela ditadura, demissões, sequestros, todo tipo de arbitrariedade praticada pelo Regime Militar. O curso era dirigido pelo professor Jerônimo Geraldo de Queiroz, que havia sido fundador e reitor da universidade, diretor da faculdade de Direito, que começou apoiando a ditadura, mas que também, como a igreja católica, rompeu com a ditadura e passou a ser um dos seus críticos. Muito eloquente, muito prestigiado no meio universitário, seus discursos chamavam a atenção de um grande público.

Na abertura desses cursos sempre fazíamos uma grande solenidade. Em uma dessas, convidei para ministrar uma palestra o arcebispo Dom Fernando Gomes dos Santos, que a essa altura já estava rompido com a ditadura, como toda a igreja. A palestra seria no Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal. Às vésperas da promoção, recebi um recado ameaçador dizendo que se eu comparecesse com Dom Fernando, ambos seríamos presos juntamente com toda diretoria do centro acadêmico. Eu nem quis me comunicar com Dom Fernando, esperei para ver o que ia acontecer. Eu sempre dizia: eu corro o risco e pago o preço, dentro dos limites do possível. Fomos para a abertura do curso, esperamos por um tempo, Dom Fernando não compareceu; então, fiz um discurso denunciando o que estava acontecendo. Felizmente nesse dia não fui preso, talvez porque havia muitas pessoas presentes.

Tive a alegria, durante a presidência do centro acadêmico, de adquirir uma grande liderança no meio universitário. Nessa época, a universidade promovia formatura unificada de todos os cursos e eu fui escolhido por unanimidade pelos diretórios acadêmicos da Universidade Federal para ser o presidente da Comissão Unificada de Formatura da UFG e, também, para ser o orador e falar em nome de todos os formandos de todos os cursos daquela época. Essa minha liderança cresceu de tal forma que acabei pagando caro por isso, porque sempre dei minha contribuição para a política de oposição ao regime, ao sistema; e, na medida em que eu crescia, mais a minha fala e condenação ao regime repercutiam.

A QUEDA DE MAURO BORGES

Um episódio que gostaria de reportar é a queda do governador Mauro Borges. Foi no dia 26 de novembro de 1964. Na época, eu trabalhava como jornalista na “Folha de Goiás” e dava cobertura também para a Rádio Clube.

Mauro Borges começou com o movimento pela posse de “Jango”, quando Jango caiu ele tentou dar apoio aos militares. Aqui em Goiás, ele promoveu uma grande confusão perseguindo até seus próprios assessores para agradar à ditadura, mas não chegou a merecer a confiança dela, a tal ponto que o ameaçavam de afastá-lo do governo. Ele tentou judicialmente, junto ao Supremo Tribunal Federal, mas não conseguiu e isso gerou em Goiás uma crise que durou meses.

Eu era novo na imprensa e foi o meu maior exercício e oportunidade de progresso profissional, porque no Palácio reuniam-se repórteres dos maiores veículos de comunicação do Brasil na época: Revista Manchete, Revista Cruzeiro, Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, Estado de São Paulo; um jornal prestigiado por todos da esquerda, que era o Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, onde se notabilizavam grandes nomes da imprensa da época. Todo

esse pessoal concentrado no Palácio à guisa de proteção do governador; toda liderança política que o apoiava se concentrava ali.

A Praça Cívica passou durante pelo menos um mês o tempo inteiro lotada de pessoas. A imprensa dando cobertura, esperando quando Mauro cairia. O telefone tocando a todo o momento. Havia plantões no aeroporto para ver as pessoas que aqui chegavam. Isso se arrastou por muito tempo, e nós convivíamos quase que na intimidade da família do governador Mauro: dona Lourdes Teixeira, primeira dama; seu filho Maurinho, que tinha sido meu colega no Lyceu. Naquele tempo o filho do governador estudava com o roceiro, recém-chegado do campo, que trabalhava à noite em um bar. Era engraçada a situação. Essa crise foi se arrastando, e eu convivendo, aprendendo, vendo como os jornalistas já notáveis procediam. Esse foi um período de grande aprendizado pra mim.

No dia 26 de novembro começou, logo pela manhã: aviões militares dando rasantes em cima do Palácio das Esmeraldas para atemorizar o Mauro, a fim de que ele abandonasse, que ele renunciasse ao Governo. Mauro resistia e acabou saindo para dar uma entrevista fora do Palácio. Diante daqueles voos rasantes e insistentes que duraram a manhã toda, Mauro começou a fazer um discurso direcionado aos militares que estavam no avião. Eu com o microfone da Rádio Clube de Goiânia, dos Diários Associados, onde eu trabalhava. Ele foi se aproximando de uma Kombi da Rádio Brasil Central, e eu acabei ajudando-o a subir em cima dessa Kombi. Eu lhe entreguei o microfone da Rádio Clube de Goiânia, e ele fez o discurso direcionando aos aviões dos rasantes, logo depois desceu e se recolheu ao Palácio.

Em seguida chegou uma expedição do Exército em carros oficiais: aqueles carros pretos com placas pretas e tarjas verdes. Voltamos para frente do Palácio novamente para acompanharmos a mensagem que os oficiais traziam. Eu me lembro que estava do lado do motorista, mas quem conduzia a mensagem estava do lado oposto. Ao descer, o oficial com a carta na mão, o público se aglomerou de tal forma que, não sei se propositalmente ou em função do aglomerado de pessoas, alguém empurrou aquele oficial e ele puxou da cintura uma arma de fogo parabellum. Eu transmitindo: acaba de chegar ao Palácio das Esmeraldas uma equipe de oficiais para entregar um documento ao governador Mauro Borges, parece ser um ultimato para sua renúncia. Quando vi a arma, por coincidência na minha direção, eu deitei de lado nesse carro e gritei: atenção estúdio vai sair tiro, houve agressão, vai sair tiro, desliga que vai sair tiro. Conduzia um aparato enorme, maleta cheia de fios e microfones. Saí correndo com essa maleta naquela viela do lado direito do Palácio; pessoas tropeçando e rolando em cima daqueles fios, foi um tumulto terrível. Em função dessa confusão, a Rádio Clube acabou sendo punida, ficando fora do ar por alguns dias.

Logo a situação se acomodou, Mauro recebeu o ultimato e acabou deixando o Palácio, não tinha outra alternativa. A população estava ali, eram muitas pessoas armadas. Percebi que se houvesse um tiro por parte daquele militar, haveria um grande tiroteio porque os amigos do Mauro e de Pedro Ludovico estavam ali, e a maioria armada. Acredito que só não houve uma agressão maior por temor à reação popular.

No momento em que Mauro atendeu ao ultimato, saiu, veio caminhando, entrou pela Rua 26, hoje Avenida Dona Gercina, veio pela Praça Cívica a pé, e aquela multidão atrás dele caminhando até a casa do seu pai (coincidentemente moro ao lado do Museu Pedro Ludovico, que foi projeto meu quando deputado estadual). Doutor Pedro Ludovico estava na porta com outros familiares para receber Mauro Borges. Houve alguns discursos, mas logo as pessoas se dispersaram e encerrou-se ali o período da administração Mauro Borges, que havia sido uma

administração revolucionária. Mauro criou alguns órgãos inovadores, que até hoje funcionam: METAGO, IQUEGO, criou a Dispetrol Goiás, para distribuição de petróleo; o CERNE, para dar eficiência à comunicação do Governo; Aglomerado Agro Urbano, para a promoção de assentamentos de camponeses sem-terra; também a SANEAGO foi criação do Mauro Borges. Houve uma série de medidas administrativas renovadoras em Goiás. Na verdade perdemos um grande Governo, que foi substituído pelos coronéis da ditadura, que vieram mais com o intuito de saquear o estado e prestigiar os empresários desonestos que financiavam a ditadura.

PRISÃO

Em 1966, ocorreu a notícia que Tarzan de Castro havia sido assassinado ao fugir do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro. Eu estudava no Lyceu de Goiânia, onde já granjeava como jornalista e orador da época, era boa liderança no colégio, ao lado de Nelson Figueiredo e outros colegas. Convoquei uma greve geral no colégio à noite e, à medida que o colégio parou, reunimos todos no pátio e começamos os discursos. A polícia chegou, comandada pelo oficial do Exército na época, e promoveu um tiroteio que, eu acho, nunca antes foi visto em um estabelecimento de ensino. Cobriram o colégio de tiro, quebrando paredes e telhas com balas de carabina, fuzil e revólver. Deram tantos tiros que acabaram matando um soldado, próprio colega deles.

Eu trabalhava no “Cinco de Março” nesse período e fiz uma matéria contando que a diretora tentou rezar um terço, nos convidando a ir a um saguão embaixo das escadas, um local mais protegido, mas infelizmente o terço não passou do primeiro mistério com tanto tiro e tamanho o pânico que tomou conta dos cerca de mil estudantes, a maioria menor. Foi uma noite negra e muito triste. Naquele tumulto todo vinha chegando o comandante da polícia, eu como jornalista já o conhecia, gritando com a diretora em alta voz, agressivamente, e eu que sempre tive o extinto de proteger o mais fraco, senti a necessidade de passar na frente e gritei pedindo que respeitasse o colégio; aquela quantidade de professores e estudantes não merecia tamanha violência e agressão. Ele só “meteu” em mim uma varinha que ele trazia na mão e mandou que me recolhessem. Já me algemaram e me recolheram. Fui o primeiro de uma fila de vários colegas que também foram presos nessa noite. Minha primeira experiência de prisão foi essa.

Tive outra experiência de prisão, ainda trabalhando no “Cinco de março”, dando cobertura a uma greve na porta do Lyceu de Goiânia, fui recolhido pela Polícia Federal e conduzido ao 10º andar de um prédio na Avenida Goiás com a Rua 1, onde funcionava uma delegacia, juntamente com o Eduardo, meu colega do jornal. Lá ficamos das dez horas da manhã até as duas da madrugada, sem beber nem água, recebendo apenas insultos. Já de madrugada, nos depoimentos, tive um entrevero com o delegado, que até era meu conhecido, que me chamou por um nome pesado e eu retruquei, revidei com outro ainda mais pesado. Ele acabou me agredindo. Ele me agarrou dizendo que me jogaria do 10º andar, começou a me arrastar rumo à janela. Eu que sempre gostei de fazer treinamentos físicos, dei uma gravata no pescoço dele e ficamos os dois na janela, com medo de cair; ele tentando me empurrar, eu tentando empurrar ele, até que os demais policiais chegaram para nos apartar. Foi um momento bem tenso nessa época.

Ocorreu uma situação delicada que mudou muito meu comportamento a partir desse episódio. Eu publicava no jornal matérias assinadas e fazia matérias sem assinatura, que eram de responsabilidade do jornal. No entanto, no interrogatório fui muito questionado sobre matérias que eu sabia que havia feito, mas não levavam a minha assinatura. Ali vi o nível de penetração que a polícia tinha, até nas redações, para saber o que fazíamos ou deixávamos de fazer. Isso muito contribuiu para meu comportamento posterior, até no relacionamento com outros colegas e com entidades. Por exemplo, fui convidado para fazer parte de uma célula do Partido Comunista. Eu evitava ao máximo participar de reuniões porque sabia que estava colocando em risco meus colegas por ser um jornalista com certa notoriedade. Nos questionamentos que me fizeram no interrogatório, eu vi o nível de acompanhamento que me faziam anteriormente. Diante disso, passei a me resguardar bastante.

No dia 17 de julho, se não me engano, em uma segunda feira, eu havia participado no domingo anterior de um programa de televisão em Rialma, chamado Gincana Colegial. Ajudei fazer o programa até domingo à noite. Na segunda feira vim pela manhã, depois do almoço em casa eu deixei minha esposa, Maria Alderi, no médico, no Hospital Santa Luiza, na Avenida Goiás com a Avenida Paranaíba. Ela estava no quarto mês de gravidez. A deixei no hospital e fui para a redação do jornal “O Popular”, que funcionava na Avenida Goiás, entre as ruas 2 e 3. Trabalhei a tarde e quando saí para pegar a esposa no hospital, a Polícia Federal me fechou. Eu estava em uma viela que liga a Avenida Goiás com a Rua Oito. Na saída da rua, os policiais me fecharam, me vestiram um capuz, me algemaram e me jogaram no banco de trás do carro. Era de tarde e ficaram rodando comigo até alta noite e eu não sabia para onde estava indo. Tempos depois descobri que estava sendo levado para o quartel do 10º BC, que funciona no Jardim Guanabara, que não é tão distante, mas ficaram rodando comigo até tarde da noite, para me confundirem. Eles me jogaram em um banheiro no quartel, só neste sanitário fiquei preso por mais de 30 dias.

Minha preocupação era minha mulher grávida me esperando na porta do hospital, e minha filha que a Kombi deixaria em casa. Fiquei preocupado pensando o que uma criança de três para quatro anos faria sozinha na porta de casa. Jackson Abrão, que trabalhava comigo na empresa, assistiu o meu sequestro, foi ameaçado, aterrorizado e não teve coragem de contar a ninguém. À noite, após a apresentação do noticiário que ele apresentava juntamente com o José Divino, ele contou para o José, que pegou a lambreta, foi na minha casa contar a minha esposa o que havia acontecido. Só então, ela soube o que havia acontecido comigo.

Fiquei no quartel preso, incomunicável, trancado nesse banheiro. Às vezes, para tentar saber onde estava eu pulava na grade do pequeno vitrô. Demorei a descobrir que estava no 10ºBC. Sabia que estava em uma instalação militar pelos barulhos, pelas cornetas, pelas marchas e outras coisas. O soldado vinha com a baioneta e passava o saibro no vitrô, se não soltasse logo a mão dali, decepavam os dedos da gente.

Alderi tentou se comunicar comigo nessa prisão incomunicável. Embora o coronel comandante fosse meu conhecido da redação do jornal, ela ficou praticamente um mês tentando a comunicação. O pior é que além de prenderem a mim, prenderam meu carro, meu fusquinha, também. Minha mulher ficou andando de táxi, de carona, pedindo ajuda aos outros para se deslocar, pois meu carro também havia sido preso comigo no quartel. Esse isolamento durou um mês, até que permitiram a visita dela. Foi pior do que se não tivesse visitado. Era um salão muito grande, um grupo de soldados em uma ponta do salão, outro me vigiando de cá. Quando ela viu minha situação deplorável, magro, com sinais de machucado,

terrivelmente desmantelado, ela começou a soluçar, chorar e não conseguimos nos comunicar. Foi um momento da vida muito dramático, muito triste. Depois ela foi retirada, e eu me recolhi ao sanitário onde eu me encontrava.

Quando eles precisavam se comunicar, ou deixar alguma ração para comer, batiam o cabo da arma na porta, e eu tinha que correr, me encostar na parede, colocar as mãos no rosto, tapar os olhos encostado na parede (não podia usar cinto e a calça ficava folgada com o emagrecimento, tinha que abrir as pernas para a calça não cair). Eles nos vestiam um capuz, assim como no dia do sequestro, e às vezes nos algemavam e arrastavam para as sessões de tortura. Qualquer comunicação era feita dessa forma.

Eu me lembro que em certo dia escutei os estertores da morte de um colega meu, Ismael Silva, irmão do advogado Paulo de Jesus, na cela ao lado do banheiro onde eu estava preso. Foi um momento muito doloroso. Eu não sabia se ele estava sendo espancado, o que era; mas depois apareceu morto e foi devolvido à família com o corpo todo deformado, com sinais de queimadura, hematomas e machucados no cadáver. Veja o drama das nossas famílias quando foram ao cemitério visitar o corpo do Ismael e viram todos aqueles sinais de tortura. Eu me lembro que o ex-vereador Idelfonso Avelar fez um discurso nessa época ressaltando essas atrocidades e o desespero das famílias que esperavam a qualquer momento também receber seus parentes na mesma situação, porque ninguém sabia as condições em que estávamos lá.

Eu me lembro que os choques elétricos faziam com que os cabelos queimassem. Eu passava o tempo todo com o corpo fedendo a cabelo queimado; aquele cheiro desagradável nos acompanhava.

Depois de estar em Goiânia por um tempo, de julho até final de agosto, nos jogaram em um camburão da polícia, me parece que éramos uns seis: eu, João Silva Neto, Altair Guedes, Paulo... Éramos seis. Eles nos espremeram em um camburão da polícia e ao nos apertar trancaram o porta-malas de forma que se a qualquer momento ele abrisse, cairíamos fora. Começaram a correr com essa viatura. Pensávamos que iriam nos jogar fora bem longe daqui, nos deixar fora de Goiânia, nos soltar sem dizer onde estávamos. A viatura rodando e rodando, alguns colegas começaram a passar mal naquele sufoco, sem ar ali dentro. Tive que pegar um dos colegas e chegar com o nariz dele em uma greta para que ele pudesse respirar, para que pudesse receber um pouco de ar daquele buraco na carroceria do veículo. Já estava escurecendo, chovendo, desceram conosco no Ministério do Exército em Brasília. Lá descemos e ficamos pouco tempo; levaram-nos para o norte de Brasília, para um tal de “reck back”. Lá passei a usar uma cela, não era mais um banheiro.

No dia seguinte eu já escutei barulhos da minha família na porta do quartel tentando buscar informações a meu respeito. Nessa época fiquei muito triste porque meus parentes, minha mulher, meus irmãos, especialmente o Pedro, querendo informações a meu respeito, e eles diziam: “Ele está aí, mas hoje não podemos informar. O senhor volta depois de amanhã que deixaremos o senhor se avistar com ele”. Eu ouvindo ali dentro sem poder me comunicar, sabendo que se eu gritasse seria torturado depois.

No dia seguinte, dia que haviam marcado de deixarem me visitar, me levaram para o alto de um prédio, era uma cobertura não coberta, fechada apenas com uma cerca elétrica, vizinha do serviço de rádio do qual ouvíamos notícias de prisões, do que estava acontecendo quase em todo o país. Eles me deixaram o dia todo no sol, no relento; eu não podia sair, não podia saltar, pois tinha cerca elétrica. Fizeram isso no dia que haviam marcado para irem me visitar.

Eu me lembro que meu irmão João, que morava em Goiatuba, veio para Goiânia e daqui foi com a Alderi e o Pedro para Brasília e ficaram o dia todo me esperando. Nesse teto do edifício, havia uma caixa de marimbondos pretos bem grandes; o soldado me vigiando e esperando a hora que os marimbondos me atacariam, porque marimbondo, como morava na roça já sabia, quando um ataca, os demais também atacam e aquilo é capaz de matar. Poderiam me matar e dizer que eu havia mexido na caixa de marimbondo, sofrido um acidente, que eu havia sido ferroadado e que por isso tinha morrido. Felizmente tive uma mentalização tão forte que, andando no teto do prédio, os marimbondos iam saindo e eu serenamente passando por eles e não tive nenhuma ferroadada o dia todo.

Na minha descida houve um episódio muito arriscado também. Um dos “caras” que me conduziam me pegou pelos testículos. Eu descendo a escada, encapuzado e algemado, o “cara” me pega pelos testículos e diz: Você toma cuidado senão vai ser castrado aqui. Desci naquela situação mais constrangedora. Quando cheguei na cela, escutei barulho e conversa da minha família saindo porque disseram que naquele dia não daria para me verem. Uma covardia, pois já tinham ido lá num dia e não deixaram, marcaram o dia da visita e não deixaram outra vez. Eu ouvi o barulho dos meus familiares saindo para virem embora no final da tarde, depois de terem passado o dia todo de espera.

Eu me lembro que nessa época aconteceu outro episódio muito lamentável, foi em uma acareação entre vários colegas. Lembro que o professor me orientou que aquilo eu poderia abrir, que já tinha explicado em uma reunião que havia participado; e eu, então, confirmei esse episódio. Um colega nosso, Valterli Guedes, que não estava nesse grupo e que não sabia, foi questionado a respeito; ele negou e sofreu. Fiquei com peso de consciência na época sabendo do sofrimento do Valterli. Fiquei com peso de consciência com medo de ter sido eu o causador daquilo, embora depois tenha se esclarecido que não fui eu o causador; mas eu não havia sido informado. Muita tristeza, muita dor, muito sofrimento nesse período.

Eu me lembro de quando ainda estava preso aqui no 10º BC, minha esposa foi para o hospital dar a luz, isso em novembro, eu havia sido preso em junho; ela deu a luz dia 25 de novembro do meu segundo filho. Eles me liberaram para ir visitá-la. Como eu não tinha sogro, nem sogra, e não parava empregada doméstica em casa porque toda hora tinha polícia na porta, aquele tumulto, os vizinhos tinham pavor até de passar na porta de casa, minha mulher acabava ficando muito desprotegida. Fui acompanhá-la na maternidade de um dia para outro, a tirei da maternidade, a coloquei no táxi e a levei pra casa. Quando abri a casa, que desci com ela e a criança, acomodei-a no berço, me chamou na porta o cara da Polícia Federal me avisando que tinha ordens para me recolher, mas que naquela situação ele me daria um prazo, e me esperaria mais embaixo para que minha mulher não visse. Deu um prazo para que eu descesse, pois não queria me tirar de casa naquela situação. Acabei tendo que arrumar uma desculpa meio fajuta para a Alderi. Disse que havia recebido um recado, que aquele sujeito era do jornal e estava me esperando para fazer uma reportagem importante que não poderia ser feita por outra pessoa. Saí e me recolhi de novo ao 10º BC. Foi um dia muito doloroso, e mais doloroso ainda saber que depois um oficial do 10º BC iria em casa tentar estuprar minha mulher. Eu me lembro que na noite em que saí, a casa cheia de parentes, entrou um cidadão para dentro de casa, chamou Alderi para conversar na sala de dentro, eu não sabia o que era e continuei com os visitantes. Vi que ele estava conversando com ela sozinho e fui ver o que estava acontecendo, quando cheguei perto ele saiu. Ela me contou, eu até tentei pegar uma arma que eu tinha em casa para acompanhá-lo, mas não consegui alcançar, ele já havia entrado no carro e desaparecido. Foi uma pena não tê-lo alcançado. Eram momentos muito

lamentáveis, muito dolorosos que vivíamos com esses episódios. Até nos relacionamentos nos frustrávamos com muitas pessoas. Eu me lembro que o professor Jonathas Silva, por exemplo, me usava muito para promovê-lo no jornal com notas, frequentava minha casa... Depois que fui preso nunca nem atendeu a Alderi. Ele era advogado conceituado, nunca atendeu para dar algum tipo de informação e colaboração como advogado para ajudar a esclarecer meu paradeiro na época.

Tiveram outras cenas de dignidade, por demais louváveis. Minha filha estudava em uma escola infantil, “O Mundo Infantil” da professora Belinha na Rua 4-A. Na formatura de fim de ano, a professora, mesmo tendo eu que voltar todo dia à polícia, eu estava liberado, mas quase todos os dias tinha que voltar ao quartel, me indicou a paraninfo dos formandos da escolinha, em uma festa no Ateneu Dom Bosco. Compareceram muitas pessoas, os pais das crianças que estavam se formando (era uma formatura infantil, era no tempo do João Paulo, um daqueles papas revolucionários da igreja). Fiz um discurso contando a violência para as crianças, mas misturando com a figura de Cristo para que os pais entendessem e as crianças não ficassem sem entender, e ainda agradecendo a diretora por ter me prestado aquela homenagem em um momento tão doloroso da vida quanto era aquele.

Houve momentos de grandeza como o da escola “O Mundo Infantil”... O seu Jaime Câmara, que era um empresário, embora muito dependente do Governo Federal, ele tinha concessão da Rádio e da Televisão Anhanguera e era dono do jornal “O Popular”, manteve muita dignidade no meu caso. Sei de donos de jornais cujos repórteres eram presos e eles denunciavam, dizendo: “Ainda bem que as forças da segurança nacional nos ajudam a nos ver livres de pessoas perigosas como fulano de tal”. Tiveram jornais que chegaram a denunciar dessa forma, enquanto seu Jaime manteve uma grande dignidade durante todo período em que eu estava preso. Eu assumia uma grande responsabilidade na empresa dele, e todo sábado ele mandava entregar em casa para a Alderi o “vale” correspondente ao meu salário. Isso muito ajudou na manutenção da minha família no período em que estive preso.

Quando saí da cadeia, fui me apresentar a ele, e ele disse: “Olha Zé Elias, vou até te contar que vários colegas seus vieram aqui a fim de disputar sua vaga. Seu setor está totalmente inativo e você pode reassumi-lo, só irei afastá-lo caso venha alguma decisão da Justiça me obrigando, aí terei que cumprir, do contrário você pode continuar no serviço”. Fiquei no jornal e na televisão até ser convidado por ele para ajudar na implantação do Jornal de Brasília, depois para a implantação da TV e do jornal do hoje estado do Tocantins, naquela época ainda era Araguaína. Fiquei tendo uma grande gratidão a seu Jaime. Na época eu queria sair candidato, ele disse para que eu fosse para o Tocantins dirigir a Organização Jaime Câmara de lá, que ele me traria deputado estadual, me ajudaria a ser eleito. Brinquei com ele dizendo que queria ser eleito pela oposição, e pela oposição não tinha como ele me ajudar e que sabia que criaria muitos problemas a ele. Eu me afastei amistosamente da empresa, me candidatei a vereador, com muita cobertura do jornal e da televisão, e fui o vereador mais votado da história de Goiânia - proporcionalmente até hoje ninguém me bateu. Eu tive na época votos que davam para me eleger com sobra deputado estadual e até deputado federal. Tanto que o segundo colocado mais votado teve menos da metade dos votos que eu tive. Faltaram 12 votos para completar 9.000 (nove mil), naquela época, em 1976. Devo muito isso ao apoio que tive da Organização Jaime Câmara. Sou muito grato ao seu Jaime, em memória, que foi um cidadão muito coerente e muito humano pelo que me fez e por outros atos que como seu assessor o assisti praticando.

ANISTIA

Gostaria de lembrar o trabalho de um colega, João Divino Dorneles, que já era deputado estadual quando eu era vereador, e que foi o líder da fundação da Comissão da Anistia aqui em Goiânia. Lembro que ele queria se reunir, e na época havia muitas restrições a reuniões, me pediu para que cedesse o espaço da Câmara. Eu cedi naturalmente, eu sabia da importância que seria a Comissão da Anistia poder se reunir na Câmara Municipal da capital do estado. João muito valorizou este fato, e até hoje tenho sido lembrado pelos pioneiros da anistia por este gesto de cessão das instalações da Câmara Municipal de Goiânia, mas é importante que se frise o trabalho e a dedicação do João Divino Dorneles à anistia. Ele chegou a promover uma marcha, a pé, daqui até Brasília, exatamente para chamar a atenção da mídia e de todos para o trabalho dele em favor da anistia e das eleições diretas também, um trabalho pioneiro.

Logo depois fui eleito deputado estadual e convivi com João Divino e outros excelentes colegas na Assembleia Legislativa de Goiás, inclusive Tarzan de Castro, Manoel Mota, entre outros. Na Assembleia nós, como membros do MDB no primeiro mandato, continuávamos aquele trabalho de abrir espaço para as forças de esquerda. Lembro que convidei para um trabalho, uma manifestação na Assembleia, as lideranças sindicais trabalhistas. A Assembleia tinha uma norma que só permitia a entrada no plenário aqueles que estivessem de paletó e gravata. O pessoal chegou inadequadamente paramentado, mas consegui com o presidente, já que era uma solenidade, que todos fossem para a mesa nos trajes que estavam vestindo. O presidente da entidade dos professores, dos trabalhadores da construção e de vários outros segmentos. Foram momentos de muita dedicação através do mandato parlamentar, a fim de continuar a luta política que vínhamos empreendendo desde os tempos de estudante.

Houve uma greve dos estudantes universitários e na Assembleia sempre fui líder da bancada da oposição. A polícia tentou invadir a Faculdade de Direito, cercando a universidade toda na Praça Universitária. O pessoal foi se recolhendo para a Faculdade de Direito. Eu como ex-aluno, em um carro da liderança da Assembleia, que era um carro oficial, consegui furar o cerco da polícia e ir até a porta da faculdade. O motorista, para evitar ficar no meio da polícia, subiu com o carro na calçada até bem na entrada da faculdade. O reitor na época, José Cruciano, embora tenha sido político pela Arena, pelo partido do governo federal, vendo a polícia se aproximar, me viu como membro da bancada dando apoio aos estudantes, me chamou e disse que não deixássemos a polícia entrar lá dentro. Pegamos uma mesa e a colocamos bem na porta, barrando a entrada. Ele como reitor, era um intelectual, filho do grande poeta Leo Lynce, de Piracanjuba, subiu na mesa e num gesto de muita bravura, de muita coragem, a polícia toda concentrada na porta da faculdade, os estudantes lá dentro morrendo de medo porque seriam presas muitas pessoas, ele anunciou: “Como reitor da Universidade, esse campus está sob minha responsabilidade, sob minha administração e eu não admito que a polícia violenta minha autoridade e invada este prédio”. Gesto muito bonito. Nesse dia, camufladamente, fui colocando no carro da liderança da Assembleia aquelas lideranças estudantis que corriam mais risco e mandava que o motorista as levasse para meu gabinete. Devo ter levado umas duas centenas de estudantes que tiveram suas prisões evitadas e que reconheceram esse ato muito tempo depois. Eu publicava um jornalzinho e publiquei uma foto, vários que depois cresceram e se tornaram personalidades importantes no estado, se livraram da prisão nesse dia. Chegaram lá pela manhã, e eu tive que providenciar comida para todos. Ficaram até tarde, e eu providenciando almoço, jantar para todo esse pessoal. Nesse

tempo deputado não tinha mordomia nenhuma, foi tudo custeado com recursos próprios, que depois passei apertado para pagar, pois foi uma conta bem grande. Aos poucos fomos entregando em casa um a um. Escaparam da prisão por este fato da época em que eu era deputado estadual.

Eu me lembro da época em que estava ressurgindo a UNE e promoveram um congresso em Salvador. As lideranças estudantis convidaram alguns deputados estaduais e federais para participar desse encontro com medo que a polícia impedisse a realização. Eu fui por Goiás, Dante de Oliveira foi por Mato Grosso, Francisco deputado federal da Bahia, também compareceu. Compareceram vários deputados estaduais e federais. Com a nossa presença o Congresso da UNE pôde acontecer sem invasão da polícia como se temia na época.

Em outra época, como deputado e líder da bancada, na instalação dos trabalhos da Assembleia fui o orador e lá estava presente o oficial representando o 10º BC. Eu o via e lembrava das torturas sofridas no quartel. Sempre falava atacando a ditadura, em todo pronunciamento meu era inquestionável que eu atacasse a ditadura, de alguma forma eu tinha que atacar. Quando comecei a falar sobre a ditadura, ele começou a resmungar na mesa da Assembleia e a fazer gestos ameaçadores pra mim. Eu virei para ele e falei: Olha, no quartel trancado, algemado, eu sofri calado as torturas que os senhores me fizeram, aqui dentro o senhor terá que me ouvir, porque suas bravatas não vão me impedir de falar. No que ele se levantou, pensei que ele tivesse se levantado para caminhar até mim e me agredir. Um amigo meu, Sérgio Cardoso, estava no plenário da Assembleia, saltou do plenário para o auditório e no que ele saltou as pessoas pensaram que era um começo de briga, virou um tumulto, e o oficial saiu. Eu saí da tribuna para encontrá-lo pensando que ele viesse ao meu encontro para nos agredirmos no próprio palco da Assembleia, mas ele saiu e foi para a rua, eu saí atrás dele, mas não mais o alcancei. Com todo o tumulto teve que ser encerrada a sessão solene de abertura dos trabalhos parlamentares dessa época.

DIRETAS JÁ

Na efervescência da campanha pelas diretas já, participávamos de eventos de toda ordem. Nos maiores sempre vinha a figura emblemática e impoluta da época do MDB, que era o presidente nacional do partido, deputado federal Ulysses Guimarães. Lembro-me de participar de encontros com ele no Clube Oasis, no Setor Bueno. Uma vez fui convidado a participar de um comício no Setor Universitário em que Ulysses Guimarães também comparecera. Fui surpreendido ao subir no palanque. O comício estava começando, o locutor me viu e já me anunciou não dando tempo de ver quem estava no palanque do comício. Dei sorte porque havia acabado de ler um livro do próprio Ulysses Guimarães. Nele tinha o decálogo do político, e eu sabia esse decálogo mais ou menos de cor. Para os estudantes universitários era importante termos uma mensagem bem quente, bem de acordo com o que esperavam realmente, bem energizada. Não sabia quem mais estava no palanque, comecei olhando para ele e falando que cada vez que ele comparecia a Goiânia era porque uma página da história do Brasil estava para ser mudada, assim como tinha sido com a anistia e agora com as eleições diretas. Fui recitando seu decálogo e ele achou muito bom, me abraçou forte por saber o decálogo dele quase que de cor, pois usávamos muito nos discursos.

Desde os tempos de estudante sempre gostei muito de citações em discursos; era um tempo de muito combate, de muita manifestação verbal, de muita falação, e o povo gostava de ouvir porque, modéstia às favas, minhas mensagens tinham algum conteúdo. Eu gostava de recitar

um poema no meio dos discursos, e um dos que eu lembrava muito, se não me falha a memória, era aquele: “Luta, se vive, se morre, descansa, dos seus na lembrança, na voz do porvir. Sê bravo, sê forte! Não fuja da morte, que a morte há de vir!” do Gonçalves Dias. Era uma maneira de empolgar as pessoas.

Outro comício da campanha das Diretas Já do qual participei, foi na Praça Cívica em frente ao Palácio, em que os organizadores foram surpreendidos com a presença do então senador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, que havia sido ministro e um dos baluartes da ditadura militar. Ele compareceu e usou da palavra dizendo: “Eu aqui estou representando a Bahia, que se faz presente por meu intermédio e por intermédio do senador fulano de tal”. Ele tinha um domínio muito grande sobre toda a liderança política da Bahia; na verdade estavam presentes os senadores do MDB e da situação, assim como os deputados federais da Bahia; e ele foi enumerando: “Senador fulano de tal, deputado fulano”. Enfim, toda bancada federal da Bahia estava presente no comício em que também compareceram Ulysses Guimarães, Tancredo Neves e José Sarney. Foi a coroação da campanha, porque víamos que as Diretas Já era uma campanha vitoriosa realmente; porque até a oposição, como José Sarney e Antônio Carlos Magalhães, estava lá para apoiá-la. Comecei falando sobre a luta dos estudantes, que as grandes escolas de lideranças do país foram os grêmios estudantis e as entidades estaduais dos secundaristas e dos universitários. Nossa geração teve um importante papel na história. Acredito que a influência e a importância da nossa luta ainda serão reconhecidas pelas novas gerações. Nossa geração, acredito eu, ofereceu uma contribuição muito grande para a mudança dos costumes políticos do país. É aquilo que eu disse, quando vemos o progresso do estado, da região e do país hoje, temos que tomar consciência que não é apenas produto das ações dos administradores atuais, isso vem de uma luta que começou lá com José Bonifácio de Andrada e Silva.

Compensaram a nossa luta e nosso sacrifício? Tantos perderam a vida nos embates contra os militares, contra a ditadura militar. Acredito que tenha compensado porque o país realmente mudou. Vejo hoje o estado do Tocantins, próspero, separado do estado de Goiás. Há 60 anos, nos torneios de oratória, o tema “Criação do Estado do Tocantins” era obrigatório nos discursos; a implantação de Brasília, da mesma forma. A interiorização de ferrovias, que os ex-presidentes José Sarney e Lula promoveram, e a presidente Dilma desenvolve um grande trabalho neste sentido, também já era reivindicação nossa naquele tempo. Portanto, era um tempo em que havia emoção na luta política, havia empolgação e entusiasmo de tal ordem que buscávamos inspirações nos maiores pensadores da nossa época: José Ingenieros, um filósofo argentino. Valorizávamos a nossa literatura: “Os Sertões” de Euclides da Cunha, Castro Alves, Gonçalves Dias. Surgia o regionalismo com Bernardo Elis, com Carmo Bernardes, com Gilberto Mendonça Teles na poesia, e tantos outros. Nós procurávamos inspirações na literatura que nos subsidiava nos discursos, como aquele: “Domina, se vive, se morre, descansa, dos seus na lembrança, na voz do porvir. Sê bravo, sê forte! Não fuja da morte, que a morte há de vir!”. E assim encerro meu depoimento.